

PARA ONDE VAI A AMÉRICA?

Se há algumas décadas já era difícil responder a esta indagação, hoje a complexidade da resposta aumenta em face da ação de múltiplos atores, que num passado não muito remoto tinham um comportamento previsível e uma política externa conhecida.

A América é hoje um continente fragmentado por interesses e variáveis econômicas, políticas e sociais jamais vistos na história do "Novo Mundo". Por ser uma área sem grandes disputas fronteiriças, os embates se dão nos campos econômico, político, social e tecnológico. Em linhas gerais, há três correntes de posicionamento estratégico que balizam a Política Externa da maioria dos países do continente.

A primeira delas é capitaneada pelos Estados Unidos da América. Está alicerçada na criação da ALCA e em acordos bilaterais; no combate ao terrorismo e aos crimes transnacionais, com destaque para o narcotráfico e o contrabando de armas e no desenvolvimento de políticas públicas capazes de fixar cidadãos de segunda ou terceira classes em seus países, evitando a migração desordenada para o território americano.

Ainda que tecnicamente não seja imperial, já que "não ocupa fisicamente territórios alheios", como fizeram os outros impérios, os Estados Unidos iniciam este século como potência hegemônica planetária. Têm um domínio econômico, cultural, científico e militar inquestionável e são o primeiro e grande ator do continente com um Produto Interno Bruto (PIB) de aproximadamente 12 trilhões de dólares em 2004, que supera a totalidade dos PIB somados da França, da Alemanha e do Japão.

Por conta desta corrente de posicionamento estratégico, os EUA instalam bases militares nas Guianas, Colômbia, Equador e, mais recentemente, deslocou contingente considerável de militares para o Paraguai. Além disso, esse grupo de países admite acordos comerciais bilaterais em detrimento dos acordos entre os blocos econômicos regionais e celebram acordos ou entendimentos para o combate aos crimes transnacionais, como a Colômbia, e ao terrorismo internacional, como é o caso, supostamente, do Paraguai.

Fazem parte deste bloco Canadá, México (ambos integrantes do NAFTA), Chile, Colômbia e a maioria dos países da América Central e do Caribe, excetuando-se, naturalmente, Cuba.

O segundo bloco se coloca em posição frontalmente oposta ao bloco liderado pelos EUA e, embora seja constituído por um número reduzido de países, produz um efeito significativo na mídia internacional. Os principais protagonistas deste bloco são os presidentes Hugo Chaves, da Venezuela e Fidel Castro, de Cuba.

Chaves vem envidado esforços no sentido de atrair países importantes para esse bloco, como o Brasil e a Argentina, e parece que conseguiu modestos avanços. Em reunião realizada recentemente em Puerto Ordaz, Venezuela, Kirchner e Chávez assinaram uma série de acordos, dentre os quais destaca-se a construção de um gasoduto que fará a ligação entre esses dois países, a um custo de estimados US\$ 4 bilhões. Também foram assinados pactos de integração na área de tecnologia nuclear e foi ratificado o compromisso do governo venezuelano de continuar comprando bônus da dívida argentina. Por sua vez, Kirchner apoiou a entrada da Venezuela no Mercosul.

A eleição de Evo Morales, primeiro presidente indígena da Bolívia, insere mais um ingrediente no complexo jogo de interesses na América e tende a engrossar a lista dos discípulos de Chaves e Fidel. Nicarágua e Equador são países que, em função de possíveis mudanças no quadro institucional interno face às eleições presidenciais, podem engrossar o coro dos países que pregam o anti-americanismo com ponto forte de suas respectivas políticas externas.

O presidente da Venezuela pretende unir as esquerdas da América na construção de um novo socialismo bolivariano no continente e neste esforço imaginou contar com o apoio do "colega" brasileiro.

O Brasil, por sua vez, equilibra-se entre o apoio discreto ao presidente Chaves, de olho no petróleo e no mercado venezuelano, e a posição de líder do grupo de países que apóiam as intenções da Comunidade Sul-Americana de Nações, criada em dezembro de 2004, da qual participam os 12 estados da América do Sul. Em resumo, este grupo tem um posicionamento estratégico mais independente, priorizando o desenvolvimento regional no Sul antes da adoção de estratégias de crescimento econômico baseadas na ampliação dos fluxos com o mercado

norte-americano.

E para onde vai a América?

Quando pensamos que o conflito ideológico teria terminado, observamos os Estados Unidos e seus aliados no continente cada vez mais capitalistas, defendendo medidas restritivas às liberdades individuais e sociais por conta do combate ao terrorismo, contrapondo-se aos novos "socialistas criollos" que, em sua maioria, caracterizam-se por políticas e atitudes populistas, nacionalismo exacerbado e preocupações sociais, que nem sempre se transformam em realidade.

Mário Giussepp Andreuzza

Especialista em Política e Estratégia e associado do Sagres